

Carlos Nuno Lacerda Lopes

PROJECTO E MODOS DE HABITAR

Porto, 2007

Carlos Nuno Lacerda Lopes

PROJECTO E MODOS DE HABITAR

Dissertação de candidatura ao grau de Doutor em Arquitectura submetida à Faculdade de
Arquitectura da Universidade do Porto.

Porto, 2007

Ao Bernardo, ao Távora e ao Fernando.

... meus amigos!

PREFÁCIO

*Ah, tudo é símbolo e analogia!
O vento que passa, a noite que esfria
São outra coisa que a noite e o vento -
Sombras de vida e de pensamento.*

*Tudo o que vemos é outra coisa.
A maré vasta, a maré ansiosa,
É o eco de outra maré que está
Onde é real o mundo que há.*

*Tudo o que temos é esquecimento,
A noite fria, o passar do vento
São sombras de mãos cujos gestos são
A realidade desta ilusão.*

Fernando Pessoa^a

De uma forma muito peculiar este texto de Pessoa tem exercido uma assinalável e profunda influência no modo de validar as diferentes leituras das realidades que construímos. Como arquitectos, sabemos bem quanta verdade se espelha nestas palavras que nos mostram a multifacetada ilusão que o exercício da arquitectura, do ensino e da investigação são cometidos; quantas vezes sombras de vida e de pensamento. Por isso, na realidade do esquecimento construímos projectos, desenvolvemos conceitos, ouvimos ecos, escrevemos e desenhamos... com as sombras das nossas mãos, as diferentes leituras das realidades que em ilusão se arquitectam.

Poderíamos aceitar que, após a consciencialização e estudo deste texto, os alinhamentos necessários para o pensamento lógico/dedutivo, que a tradição científica e o pensamento ocidental nos vem ensinando e exigindo, começaram a ter diferentes enquadramentos. Nesta medida, o saber disciplinar, cada vez mais referenciado a análises e estudos de sabor divergente, tem permitido situar o percurso de conhecimento pessoal numa espécie de teia híbrida de fluidos contornos que teima em permanecer numa propositada mas rica penumbra conceptual e, nessa medida, tudo o que vemos é outra coisa.

Por vezes ocorre-nos descobrir, sermos mais iluminados, não por nos tornarmos fonte, mas apenas devido a algum reflexo que recebemos e que a jeito nos colocamos mas a que seguramente sempre fomos alheios. É esta a intuitiva ingenuidade que nos vem

^a - PESSOA, Fernando, *Fausto, Fernando, Fragmentos*, Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II, Edições Cotovia, 1989, p. 7.

favorecendo, alegremente e vida fora, numa consciência séria de quem apenas quer usar e retribuir algum desse saber que nos é emprestado.

Daí este trabalho, este texto que relata uma actividade de investigação. Uma penosa matéria realizada durante estes últimos anos, no âmbito do projecto da habitação colectiva aplicada ao nosso país em geral e em particular a uma reflexão pessoal de um percurso que muito fica a dever ao ensino e à profissão de arquitecto, que muito gostamos de exercer e a que temos dedicado toda a nossa vida adulta.

Resulta daí que a motivação deste estudo esteja para além de razões objectivas e pragmáticas que geralmente justificam o trabalho científico em determinadas áreas tecnológicas, como o "*aparecimento*" de uma *nova doença*, a definição de uma estrutura em *tensão de ruptura*, *métodos para reciclagem*, etc. A habitação não é novidade, a habitação é hoje coisa pública, matéria comum e factor de crise, dizem-nos, e talvez por isso a necessidade de a estudar, contrapomos nós, sem perder a visão ampla, globalizante e generalista que o exercício do projecto e da arquitectura nos oferece.

Nesta medida, foi um grande privilégio ter tido a oportunidade de aprender, de trabalhar e de participar activamente nas diversas áreas que a disciplina do saber arquitectónico, das artes do espaço, oferece e nos tem permitido actuar de modo a desenvolver uma visão mais real e mais operativa do fenómeno da criação e do projecto enquanto processo, enquanto gestor da transição.

De um percurso assumidamente energético e experimental, de cara contra o vento, fomos construindo uma teia de paladares e sabores disciplinares que ao desenho e à emoção devemos a existência, sobre a razão que sempre persiste.

Do desenho que talvez melhor nos represente, construímos diálogos, abordámos paisagens, construímos realidades, oferecemos emoções e rasgámos territórios que à partida pareciam não existir, descobrindo e provocando novas fronteiras que um dia outros melhor saberão recriar.

Dos móveis aos imóveis, da gravura à pintura, do design à cenografia, da pedagogia à didáctica, fomos pisando alguns territórios que a todos nós pertencem que, sendo de todos e de ninguém, nos vão enriquecendo com metodologias e conhecimentos múltiplos que nos fazem crescer e humildemente aprender com alguns dos melhores profissionais ligados à Universidade, ao Ensino, à Arquitectura, às Artes Plásticas, ao Design, ao Teatro, ao Cinema, à Magia, à Televisão, às Engenharias, à Literatura e à Construção.

Todos influenciaram de algum modo na concepção e desenvolvimento deste trabalho, que muitas vezes nos provocou e violentou. Mas, a vontade de superar, de

cumprir com as palavras e a curiosidade de rever os diferentes pensamentos e as idênticas dificuldades que os melhores arquitectos também travam, foi maior e por isso queremos agradecer as suas boas vontades, os seus testemunhos de vida e de profissão, as suas sãs demonstrações de saber e de humildade que nem nos livros nem nas obras se encontram e que humanizam o discurso sobre a arquitectura, o modo de projectar e o modo de ser arquitecto em Portugal nos finais de um século edificante, como foi este que findou. Por isso queremos agradecer também a todos vós, criadores, a paciência, que conosco tiveram, pois claro.

Ao longo deste processo, este trabalho foi-nos moldando, construindo uma consciência e ensinando a escrever, a reflectir, a consciencializar sobre nós e sobre um percurso que a caminhar fomos fazendo. Aqui, agora, apresentamo-nos já mais velho e mais lento, mas ainda com ânsias de descobrir e continuar a experimentar, na certeza de que nem tudo está feito e cada vez mais há muito a fazer por uma melhor arquitectura, por um melhor serviço profissional e por um melhor ensino do projecto nesta nossa volátil contemporaneidade que nos consome. Por isso este trabalho é um convite à consciência do habitar que o projecto nos ensina.

Valeu a pena?

Tudo vale a pena...

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação original e especialmente escrita para a prova de doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto foi inicialmente realizada sob a orientação científica do Professor Arquitecto José Bernardo Ferrão (1945-2003), da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto a quem desde já queremos prestar a nossa homenagem póstuma e agradecer a sua completa disponibilidade, o seu inequívoco apoio e sobretudo a sua grande sabedoria e a inteligência que sempre o caracterizou e que tornou possível a estrutura e organização deste trabalho, que procurámos manter. A sua prematura partida não lhe permitiu ver acabado algo cujos rasgos de saber são seguramente seus e onde apenas procurámos dosear a intervenção de modo a minimizar alguma das possíveis fragilidades que, essas sim, são seguramente nossas.

À promessa feita, à fidelidade aos valores, desta nobre profissão de perpétuo ensino e dedicação às artes e à vida que o arquitecto ainda pode personificar, fica o sentimento de um penoso dever cumprido mas, e ao mesmo tempo, de um enorme prazer que o solitário estudo, a crescente descoberta e o infindável confronto que esta actividade de investigação nos proporcionou ao longo dos anos que a este feito dedicámos.

Desta fase agradecemos também a esforçada co-orientação do Professor Doutor José Azevedo, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e posteriormente o apoio, a crítica e a (re)orientação do Professor Doutor Arquitecto Carlos Guimarães, que num acto difícil de coragem e também de responsabilidade académica, nos foi colocando dentro dos carris da disciplina da arquitectura, recusando todas as tentativas de tornar mais abrangente – dizíamos nós e mais vago dizia ele – a problemática do estudo da habitação colectiva e dos modos de habitar, que propúnhamos realizar, em consonância com uma metodologia de projecto e do exercício da arquitectura, através dos discursos destes profissionais. A todos vós, não só o meu agradecimento mas sobretudo o meu reconhecimento.

De uma outra forma, gostaríamos também de agradecer, em primeiro lugar à família que sempre foi exigindo um pouco mais, acreditando que algum dia estaria acabada a dissertação que sistemática e persistentemente íamos atrasando.

Aos meus filhos Simão e Inês que, sendo o projecto mais importante das nossas vidas, estiveram presentes em cada linha que escrevia, assim com à Maria João tão companheira e amiga, sempre cúmplice destes últimos 25 anos que atravessámos juntos,

com tantas lutas e conquistas, que sempre saberemos reconhecer, agradecer e lembrar a Deus.

Aos irmãos, cunhados e sobrinhos que sempre acreditaram e colocaram tanto dos seus saberes, dos seus tempos e dos seus bens à disposição, para que conseguíssemos levar uma ideia, uma vontade ou um sonho de um pai e de uma mãe que sempre nos deram o melhor e o mais genuíno amor, que todos podemos receber e agora pensamos também saber dar. – Obrigado a todos.

Ao Bernardo, agradecemos em primeiro, o desconforto da sua metodologia, a disciplina de um índice que quase era loucura, depois a sua inteligência e a sua capacidade de comentar e de melhorar, depois a sua imensa qualidade como pessoa que se abre às múltiplas facetas e aromas que a vida nos revela, incentivando à experiência e ao uso da vida como um bem superior e divino que nos alegra e conforta, depois... sabe bem o quê – obrigado!

Ao Azevedo, amigo de muito tempo, de muitas cumplicidades e lutas que travámos do mesmo lado, a sua enorme cultura, a sua grande capacidade de entendimento de que nem tudo é *científico* e de que nem tudo se descobre sem experimentar, o nosso agradecimento e o reconhecimento de que lhe demos muito trabalho e que muito deste suor é seu. O nosso obrigado também à Paula, que sempre lutou pelo limite superior das 400 páginas que dizia ser necessário impor.

Agradecemos também encarecidamente a todos os arquitectos que pacientemente suportaram o bombardeamento de perguntas e que se submeteram às entrevistas que, vendo agora os seus depoimentos, pertencem já à nossa memória colectiva e constituem seguramente algum do nosso rico património.

Assim e na certeza de que o vosso contributo foi deveras exemplar e com o receio de não ter dado a continuidade merecida que o grande saber, a grande cultura, o grande desprendimento com que nos ofereceram tanto das vossas memórias, experiências, métodos e definições, ficamos com a ideia de que fizemos outras dissertações, descobrimos outras teses possíveis e que toda essa aprendizagem, todo o vosso ensinamento nos foi fundamental e com ele nos tornámos seguramente melhor; a Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Álvaro Siza Vieira, António Madureira, Bernardo Ferrão, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Fernando Távora, Francisco Barata, João Álvaro Rocha, Manuel Correia Fernandes, Manuel Fernandes de Sá, Manuel Graça Dias, Nuno Portas, Pedro Ramalho, Rui Braz, Sérgio Fernandez, João Serôdio e Teresa Fonseca, o profundo obrigado.

Ao Professor Arquitecto Nuno Portas, ao Professor Arquitecto Marcelo Tramontano, ao grupo Nomads da Universidade de São Carlos, Brasil, pelo apoio e sábias palavras de quem quer saber e de quem divide e partilha esse conhecimento dedicando as suas vidas a estas matérias – a mais profunda homenagem a essa inteligência e esforço.

O nosso sincero agradecimento aos colegas ou equipa de trabalho e em especial aos arquitectos Sérgio Fernandez, Pedro Ramalho, Manuel Correia Fernandes, e Carlos Guimarães, que sempre foram referência e modelo, bem como aos restantes colegas com quem temos dividido a docência da cadeira de projecto, na FAUP há já duas dezenas de anos, do primeiro, do terceiro e mais recentemente do quarto ano: João Álvaro Rocha, Teresa Fonseca, Pedro Alarcão, Paula Petiz, Eduardo Souto Moura, Carlos Prata, Adalberto Dias, João Pedro Serôdio, Camilo Rebelo, Nuno Brandão, com os quais fomos conhecendo o trabalho profissional e académico com todo o rigor e aprofundamento necessário ao longo destes anos que dedicámos ao ensino do projecto e à formação em arquitectura, não é demais agradecer.

Ao Carlos Guimarães, queremos agradecer os sábios e inestimáveis conselhos que desde a ausência do nosso bom Bernardo foram determinantes para a revisão do trabalho e para a reorientação do um estudo mais disciplinar e mais sistemático, conducentes à presente elaboração.

Ao Alexandre Alves Costa também queremos agradecer tudo isto e também os seus comentários, a sua inteligência abrangente e o seu infindável saber, que em muitas horas, em silêncio, nos ajudou a avançar^b.

Agradecemos ainda ao Rui Braz e ao Pedro Alarcão, a ajuda, o apoio constante e contínuo durante todo o processo de realização deste trabalho.

^b - Não podemos deixar de referir um crucial acontecimento quando numa tarde quente de Verão que só o Porto sabe oferecer, com as aulas já terminadas, e encontrando-nos com um grupo de alunos a desenvolver a pesquisa bibliográfica, a recolha de projectos e a digitalização de todos os trabalhos sobre projectos de habitação colectiva que existiam nessa data na biblioteca da FAUP, surpreendido por nos ver lá, disse: "*Estudar os edifícios de habitação fechado numa biblioteca? Não me parece bem! A arquitectura portuguesa estuda-se nas cidades, a habitação nos edifícios. A nossa arquitectura não se fez pelos livros, fez-se das realidades, lá fora é que deves estudar, não aqui*". A aparente contradição que estas palavras sugeriam, dada a sua tendencial e sábia teorização que coloca nos trabalhos, fez-nos por tempos meditar e conclusivamente acabámos por aceitar aquilo que pretendia investigar. Em *Corpo, Espaço e Representação*, defendia que a arquitectura deve ser vivida, experimentada e movimentada e que o corpo em movimento, o homem em acção, é o principal mentor – utilizador –, o agente fundamental do acto arquitectónico. A apropriação do espaço é parte da essência que legitima o fenómeno da experimentação do espaço arquitectónico. O poeta Tolentino de Miranda disse: "*A verdade corresponde ao menor dos nossos gestos em vez da eloquência da palavra que nos socorre*". Mais tarde escreve Alves Costa "*Os livros que vão sendo necessários a cada um estão sempre ao seu lado e em extremo diria que qualquer um serve e até o Rosselini é bom para os mendicantes e os heterónimos de Pessoa para quase tudo. O que importa é que o exercício do pensar esteja indissoluvelmente ligado ao exercício do desfrutar a vida. O papel do professor é estimular que cada aluno se transforme no mais insubstituível dos seres e não vem nos livros*". In *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa e Outros Textos*, Porto, FAUP Publicações, 1995, p. 51. E, com essa partilha partimos, cidade fora, à conquista dos edifícios e sobretudo dos nossos modos de pensar e de projectar as nossas habitações.

Não poderemos deixar de responsabilizar e agradecer ao amigo José Grade por nos ter impregnado tanto o vício do desenho, que nos fez atrasar tudo isto.

A todos os arquitectos com quem tivemos a oportunidade de dialogar, aprender, visitando as suas obras, e conhecer um pouco melhor as suas preocupações e os seus trabalhos, que foram legitimando a análise, as opções estéticas e formas que os seus projectos traduziam, bem como aos cidadãos anónimos que graciosamente nos abriram as portas de suas casas para ter mais presente algumas das ideias que por vezes erradamente fomos construindo sobre a cultura e o modo de habitar, nestas e noutras obras que estudámos.

À FAUP pelos meios financeiros, logísticos e de equipamento que nos disponibilizaram. Ao grupo de trabalho do CNLL, pelo inequívoco apoio que permitiu que este trabalho fosse mais estimado, e presente em especial à Ana Luísa, à Joana Coelho, à Vanessa, ao Bruno, ao Correia, à Paula, ao Rachão, ao Ângelo, à Natália, ao Gonçalo e a todos que por lá foram continuando a fazer sua, a nossa escola. Também ao David, ao Fábio, ao Bruno, ao João Abrunhosa, o trabalho que realizaram na montagem dos vídeos e das entrevistas que realizamos.

Queremos agradecer também ao Hugo e ao José Carlos que ajudaram a escrever em Visualbasic, o programa *"PMH – projecto e modos de habitar"* ainda na versão 1.1 de 1998 descontinuada, e ao Bruno Figueiredo, à Susana, ao Nuno Pinheiro, ao José Pedro, todo o trabalho de recolha bibliográfica inicial e de levantamento exaustivo, digitalizando todos os projectos de habitação colectiva publicados existentes na biblioteca da Faculdade, posteriormente visitados e cuja compilação um dia será devidamente tratada e, esperamos nós, venha a ser partilhada.

À Teresa Godinho, ao Aurélio e à Carla pela cuidada e dedicada revisão.

E, por fim, a todos os amigos, que parecia esquecer pela escassa comparência, um abraço e um muito obrigado.

RESUMO

Título: PROJECTO E MODOS DE HABITAR.

Cruzando o olhar da disciplina com o olhar social e político que enquadram e definem a problemática da evolução da habitação e dos modos de habitar em Portugal, procuramos neste trabalho compreender o processo de evolução e de construção de uma cultura de habitar e de projectar a habitação colectiva tendo por base uma metodologia de análise assente nos aspectos e nas dimensões fenomenológicas resultantes do processo de mediação entre os arquitectos, os utentes e as obras.

Deste pressuposto, a dissertação parte de uma revisão de literatura abrangente e pluridisciplinar, de modo a situar quer os aspectos teóricos quer as diferentes abordagens metodológicas que as diversas disciplinas realizam no estudo e na investigação sobre as relações entre o homem e o espaço arquitectónico, com particular incidência sobre o habitar, a habitação, a habitabilidade e o projecto da habitação colectiva.

Por outro lado, e de modo a compreender as bases ideológicas e conceptuais de onde partem os arquitectos para a produção dos seus projectos e das suas obras, realiza-se um estudo de caracterização temporal dos diferentes níveis de evolução social, económico e arquitectónico tendo por base a análise das obras e dos projectos de habitação colectiva ao longo da primeira metade do século XX em Portugal.

Da análise e estudos realizados, esta dissertação procura verificar as diferentes etapas da evolução dos conceitos e espaços da habitação e leva-nos a concluir acerca da importância dos processos e métodos de projecto e de comunicação contemporâneos.

As obras que integram os casos de estudo são quatro e descrevem os diferentes níveis de pensamento e de abordagem que nos permitem evidenciar a estreita relação entre o projecto e os modos de habitar que estas arquitecturas consolidam pela seguinte ordem:

1- O projecto de arquitectura do Bairro de Ramalde, 1951-1960, de Fernando Távora, Porto.

2- O projecto de arquitectura do Bloco da Pasteleira, 1964-1967 de Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho, Porto.

3- O projecto de arquitectura da Cooperativa SACHE, 1979-1989 de Manuel Correia Fernandes, em Aldoar, Porto

4- O projecto de arquitectura do Complexo da Boavista 1991-1998, de Álvaro Siza e António Madureira no Porto.

É dentro de um enquadramento teórico mas estritamente disciplinar que o trabalho se organiza, estudando e comparando as práticas e soluções desenhadas, indo ao encontro dos conceitos e dos discursos dos seus autores, confrontando-os, verificando a determinação das suas produções dentro de um contexto temporal e territorial preciso, de modo a permitir compreender como se desenvolveu algum do pensamento disciplinar sobre o modo de projectar a habitação colectiva no Porto, as suas invariantes e as suas permanências ou se foram as circunstâncias que modificaram e justificaram um entendimento um modo de ser arquitecto, um modo fazer arquitectura que o Porto desenvolveu nos finais do século XX.

Numa perspectiva de análise orientada sobre o exercício do projecto procuramos através das obras de habitação colectiva projectadas por docentes da faculdade de arquitectura da Universidade do Porto, verificar se esta arquitectura, dá corpo a uma escola ou a uma ideia de Escola que, também aqui, nesta dissertação, se quer edificar... na permanente procura de "...um lugar feliz." (Távora) e onde para habitar, "...nem tudo serve". (Portas)

Palavras-chave: Arquitectura, Projecto, Modos de habitar, Habitação colectiva, Fernando Távora, Sérgio Fernandez, Pedro Ramalho, Manuel Correia Fernandes, Álvaro Siza, António Madureira, FAUP.

ABSTRACT

Title: ARCHITECTURAL PROJECT AND BUILDING'S USABILITY

By placing Architecture in the socio-political context which defines issues regarding the evolution of housing and usability in Portugal, we have strived to gain a better understanding of the evolutive process involved in projecting and planning social housing environments and the making of a culture of habitation. The study has been conducted based on a methodology focused on the phenomenological dimensions deriving from the mediation process between architects, users and buildings.

Given these premises, the dissertation's departing point was an extensive literature review, so as to define both theoretical and methodological interdisciplinary approaches behind the relations between people and their architectural environments, focusing particularly on habitation, habitability and the projecting that goes into housing complexes.

Moreover, in order to understand the ideological and conceptual background architects base their projects on, we have taken a look at different levels of socio-economic and architectural developments in Portugal, by analyzing the design and planning of collective housing throughout the first half of the 20th century.

From the case studies and analysis produced, the dissertation explores various stages of evolution of living spaces and the associated concepts, which leads us to the contemporary importance of the methodological issues that go into current architectural projects and communication processes.

Four projects were elected as case studies based on their representativeness of different forms of conceptual understandings of projecting collective housing, allowing us to pinpoint direct connections between architectural design and usability:

1- Bairro de Ramalde, architectural project, 1951-1960, by Fernando Távora, Porto.

2- Bloco da Pasteleira, architectural project, 1964-1967, by Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho, Porto.

3- Cooperativa SACHE, architectural Project, 1979-1989 by Manuel Correia Fernandes, in Aldoar, Porto.

4- Complexo da Boavista, architectural project, 1991-1998, by Álvaro Siza and António Madureira, Porto.

The theoretical framework around which the dissertation is organized remains strictly within the scope of the field of study, examining and comparing implemented practices and solutions, approaching concepts and ideas put forth by the authors, and examining their work, within a specific temporal and spatial context. The purpose was to understand how certain ideas on projecting collective housing in Porto came about, their regularities and consistent elements, as well as the circumstances that had a hand in shaping a movement, creating a certain kind of architect, and defining an architectural "Porto" style, towards the end of the 20th century.

After having looked at the above mentioned projects, they were compared with a number of other similar projects designed by professors of the faculty of Architecture at the University of Porto, in order to find out if the works reflect a consistent school of thought, whose very existence we have attempted to prove in our thesis... in the endless search for "...a happy place." (Távora) and where "not every space is adequate" (Portas) to be a home.

Key terms: Architecture, Project, Usability, Housing studies, Fernando Távora, Sérgio Fernandez, Pedro Ramalho, Manuel Correia Fernandes, Álvaro Siza, António Madureira, FAUP.

RESUMÉ

Titre: PROJET ET MODES D'HABITER

En croisant le regard de la discipline avec le regard social et politique qui encadrent et définissent la problématique de l'évolution de l'habitation et des modes d'habiter au Portugal, nous avons cherché, dans ce travail, à comprendre le processus d'évolution et de construction d'une culture d'habiter et de projeter l'habitation collective en prenant pour base une méthodologie d'analyse appuyée sur les aspects et les dimensions phénoménologiques qui résultent du processus de médiation entre les architectes, les utilisateurs et les ouvrages.

A partir de ce prémisses, la dissertation commence par une révision de littérature globale et pluridisciplinaire, afin de situer aussi bien les aspects théoriques que les différents abordages méthodologiques que les différentes disciplines réalisent dans l'étude et la recherche sur les relations entre l'homme et l'espace architectonique, avec une incidence particulière sur l'habiter, l'habitation, l'habitabilité et le projet d'habitation collective.

Par ailleurs, et afin de comprendre les bases idéologiques et conceptuelles à partir desquelles les architectes partent pour la production de leurs projets et de leurs ouvrages, nous avons réalisé une étude de caractérisation temporelle des différents niveaux d'évolution sociale, économique et architectonique en prenant pour base l'analyse des ouvrages et des projets d'habitation collective tout au long de la première moitié du XXème siècle au Portugal.

A partir de l'analyse et des études réalisées, cette dissertation cherche à vérifier les différentes étapes de l'évolution des concepts et des espaces de l'habitation et nous amène à conclure sur l'importance des processus et des méthodes de projet et de communication contemporains.

Les ouvrages qui intègrent les cas d'étude sont au nombre de quatre et décrivent les différents niveaux de pensée et d'abordage qui nous permettent de mettre en évidence la relation étroite entre le projet et les modes d'habiter que ces architectures consolident dans l'ordre suivant:

1- Le projet d'architecture du Quartier de Ramalde, 1951-1960, de Fernando Távora, Porto.

2- Le projet d'architecture du Bloc de la Pasteleira, 1964-1967 de Sérgio Fernandez et Pedro Ramalho, Porto.

3- Le projet d'architecture de la Coopérative SACHE, 1979-1989 de Manuel Correia Fernandes, à Aldoar, Porto

4- Le projet d'architecture du Complexe de Boavista 1991-1998, de Álvaro Siza et António Madureira, à Porto.

C'est dans cet encadrement théorique plus strictement disciplinaire que le travail est organisé, et dans lequel sont étudiées et comparées les pratiques et solutions dessinées, en allant à l'encontre des concepts et des discours de leurs auteurs, en les confrontant, en vérifiant la détermination de leurs productions dans un contexte temporel et territorial précis, afin de nous permettre de comprendre comment s'est développée une partie de la pensée disciplinaire sur la manière de projeter l'habitation collective à Porto, ses invariants et ses permanences ou si ce sont les circonstances qui ont modifiées et justifiées un entendement et une manière d'être architecte, une manière de faire l'architecture que Porto a développé à la fin du XXème siècle.

Dans une perspective d'analyse orientée sur l'exercice du projet nous avons cherché, à travers les ouvrages d'habitation collective projetés par les professeurs de la faculté d'architecture de l'Université de Porto, à vérifier si cette architecture donne corps à une école ou à une idée d'Ecole qui, dans cette dissertation aussi, cherche à s'édifier... dans la recherche permanente d'"...un endroit heureux." (Távora) et dans lequel, pour habiter, "...tout ne sert pas". (Portas)

Mots-clefs: Architecture, Projet, Modes d'habiter, Habitation collective, Fernando Távora, Sérgio Fernandez, Pedro Ramalho, Manuel Correia Fernandes, Álvaro Siza, António Madureira, FAUP.

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução, Enquadramento e Âmbito da Pesquisa

1.1 – Apresentação do trabalho	3
1.2 – A relevância do problema – justificação	13
1.3 – Enquadramento temático e estudos realizados	17
1.4 – Estabelecimento do problema e questões de pesquisa	34
1.5 – Motivação pessoal para o tema	43
1.6 – Objectivo do trabalho	50
1.7 – Enquadramento metodológico	55
1.8 – Hipóteses	62
1.9 – Descrição dos capítulos	69

Capítulo 2: O Habitar, o Projecto e a Habitação

2.1 – Introdução	79
2.2 – Habitar	87
2.3 – Habitabilidade	100
2.4 – Funções da habitação	113
2.4.1 – A função abrigo	113
2.4.2 – A função família	118
2.4.3 – A função económica	127
2.4.4 – A função identidade	129
2.5 – Síntese parcial	135
2.6 – O Projecto e a habitação colectiva em Portugal– alguns antecedentes	138
2.6.1 – Introdução	138
2.6.2 – Projectar em nome da Higiene	141
2.6.3 – Projectar em nome da Família	167
2.6.4 – Projectar em nome de Portugal	182
2.6.5 – Projectar em nome da Nação	199
2.6.6 – Projectar em nome da Previdência	212
2.7 – Conclusão	228

Capítulo 3: O Projecto, as Obras e os Autores – um estudo de casos

3.1 – Introdução	237
3.2 – Bases metodológicas e teóricas para o trabalho de pesquisa	242
3.2.1 – A criação da base de dados – PMH	243
3.2.1.1 – Insuficiências desta metodologia	244
3.2.2 – A visita à cidade – mapa da habitação	246
3.2.3 – A selecção e definição de um critério	246
3.2.4 – Autores e realização de entrevistas	249
3.2.5 – A visita aos casos de estudo – análise, confronto e validação	251
3.2.6 – Os casos relevantes	253
3.2.7 – Os casos de estudo	253
3.3 – 1º Caso de estudo – O Bairro de Ramalde de Fernando Távora	255
3.3.1 – Introdução	257
3.3.2 – Do enquadramento temporal ao morfológico	261
3.3.2.1 – Localização na cidade	261
3.3.2.2 – Implantação e articulação urbana	262
3.3.2.3 – Morfologia do edificado	264
3.3.2.4 – Orientação e exposição	266
3.3.2.5 – Construção e manutenção	268

3.3.2.6 – Localização da obra no tempo	271
3.3.2.7 – Justificação pela sua inclusão	274
3.3.3 – Do projecto ao habitar	277
3.3.2.1 – Introdução	277
3.3.2.2 – Metodologia de projecto e os modos de projectar	279
3.3.2.3 – O modo de projectar e a qualidade arquitectónica	283
3.3.2.4 – O problema da participação e os conflitos durante o projecto	286
3.3.2.5 – A investigação no projecto e a evolução do conceito de habitação	289
3.3.4 – Do habitar à habitação	297
3.3.4.1 – Introdução	297
3.3.4.2 – O projecto como matriz para o habitar	301
3.3.4.3 – Os mitos e os preconceitos na habitação	303
3.3.4.4 – O conhecimento sobre os usuários e o desenho da habitação	308
3.3.4.5 – A habitação colectiva como um projecto aberto	310
3.3.5 – O que o autor diz sobre o projecto	313
3.3.6 – Síntese conclusiva	315
3.3.7 – Figuras:	319
Bairro de Ramalde, Fernando Távora, Porto, (1951-1960)	
Bloco de Marselha, Le Corbusier, (1946-1952)	
Edifício “Parnaso”, José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos, Porto, (1954-1956)	
Bloco das Águas Livres, Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral (1956)	
Bairro de Alvalade, Pedro Cid, M. Laginha e V. Esteves, Lisboa, (1955-1957)	
Bairro do Aleixo, Manuel Teles, C.M.Porto, (1968)	
Bairro de Ramalde, Fernando Távora, Porto, (1951-1960)	
Casa de Ofir, Fernando Távora, Ofir, (1951-1960)	
Casa de Briteiros, Fernando Távora, Guimarães (1989-1990)	
Desenhos de Fernando Távora	
Estudos do fogo do Bairro de Ramalde.	

3.4 – 2º Caso de estudo – O Bloco da Pasteleira de Pedro Ramalho e S.Fernandez

3.4.1 – Introdução	353
3.4.2 – Do enquadramento temporal ao morfológico	360
3.4.2.1 – Localização na cidade	360
3.4.2.2 – Implantação e articulação urbana	362
3.4.2.3 – Morfologia do edificado	363
3.4.2.4 – Orientação e exposição	365
3.4.2.5 – Construção e Manutenção	367
3.4.2.6 – Localização da obra no tempo	369
3.4.2.7 – Justificação pela sua inclusão	381
3.4.3 – Do projecto ao habitar	382
3.4.3.1 – Introdução	382
3.4.3.2 – Metodologia de projecto e os modos de projectar	383
3.4.3.3 – O modo de projectar e a qualidade arquitectónica	387
3.4.3.4 – O problema da participação e os conflitos durante o projecto	389
3.4.3.5 – A investigação no projecto e a evolução do conceito de habitação	391
3.4.3.6 – O licenciamento como um processo específico	394
3.4.4 – Do habitar à habitação	395
3.4.4.1 – Introdução	395
3.4.4.2 – O projecto como matriz para o habitar	397
3.4.4.3 – Os mitos e os preconceitos na habitação	399
3.4.4.4 – O conhecimento sobre os usuários e o desenho da habitação	403
3.4.4.5 – A habitação colectiva como um projecto aberto	405
3.4.5 – O que o autor diz sobre o projecto	407
3.4.6 – Síntese conclusiva	410
3.4.7 – Figuras:	413
Bloco da Pasteleira, S. Fernandez e Pedro Ramalho, Porto, (1964-1967)	
Parque residencial da Boavista, A. Ricca, J. Seródio, M.C., Porto, (1962-1973)	
Edifício do Ouro, Mário Bonito, Porto, (1950-1954)	
Bloco Gaveto (Cancela Velha), Viana de Lima, Porto, (1955)	
Edifício Torre de Habitação “Neur Vahr”, Alvar Aalto, Bremen, (1958-1962)	

Casa na Foz, Pedro Ramalho, Porto, (1967)
 Plano de Pormenor da Pasteleira, A. Rosarinho, C.M.Porto, (1960)
 Bloco da Pasteleira, S. Fernandez e Pedro Ramalho, Porto, (1964-1967)
 Fundo de Fomento à Habitação, Pedro Ramalho, Guimarães, (1973-1982)
 Cooperativa Habitovar, Pedro Ramalho, Ovar (1976-1982)
 Casa de férias Moledo, Sérgio Fernandez, Moledo, (1971-1973)
 Estudos do fogo do Bloco da Pasteleira.

3.5 – 3º Caso de estudo – A Cooperativa SACHE de Manuel Correia Fernandes

3.5.1 – Introdução	449
3.5.2 – Do enquadramento temporal ao morfológico	453
3.5.2.1 – Localização na cidade	453
3.5.2.2 – Implantação e articulação urbana	453
3.5.2.3 – Morfologia do edificado	456
3.5.2.4 – Orientação e exposição	458
3.5.2.5 – Construção e Manutenção	461
3.5.2.6 – Localização da obra no tempo	465
3.5.2.7 – Justificação pela sua inclusão	470
3.5.3 – Do projecto ao habitar	472
3.5.3.1 – Introdução	472
3.5.3.2 – Metodologia de projecto e os modos de projectar	473
3.5.3.3 – O modo de projectar e a qualidade arquitectónica	480
3.5.3.4 – O problema da participação e os conflitos durante o projecto	483
3.5.3.5 – A investigação no projecto e a evolução do conceito de habitação	489
3.5.3.6 – O licenciamento como um processo específico	491
3.5.4 – Do habitar à habitação	495
3.5.4.1 – Introdução	495
3.5.4.2 – O projecto como matriz para o habitar	498
3.5.4.3 – Os mitos e os preconceitos na habitação	500
3.5.4.4 – O conhecimento sobre os usuários e o desenho da habitação	504
3.5.4.5 – A habitação colectiva como um projecto aberto	506
3.5.5 – O que o autor diz sobre o projecto	509
3.5.6 – Síntese conclusiva	510
3.5.7 – Figuras:	513
Cooperativa de habitação SACHE – 1ª fase, M. Correia Fernandes, Porto, (1979)	
Cooperativa de habitação SACHE – Plano, M. Correia Fernandes, Porto, (1979)	
Cooperativa de habitação SACHE – 2ª fase, M. Correia Fernandes, Porto, (1989)	
Cooperativa de habitação SACHE – 3ª fase, M. Correia Fernandes, Porto	
Cooperativa de habitação Nova Ramalde - M. Correia Fernandes, Porto	
Estudos do fogo da Cooperativa de habitação SACHE.	

3.6 – 4º Caso de estudo – O Complexo da Boavista de Álvaro Siza e A. Madureira

3.6.1 – Introdução	559
3.6.2 – Do enquadramento temporal ao morfológico	561
3.6.2.1 – Localização na cidade	561
3.6.2.2 – Implantação e articulação urbana	565
3.6.2.3 – Morfologia do edificado	567
3.6.2.4 – Orientação e exposição	570
3.6.2.5 – Construção e Manutenção	573
3.6.2.6 – Localização da obra no tempo	578
3.6.2.7 – Justificação pela sua inclusão	587
3.6.3 – Do projecto ao habitar	590
3.6.3.1 – Introdução	590
3.6.3.2 – Metodologia de projecto e os modos de projectar	594
3.6.3.3 – O modo de projectar e a qualidade arquitectónica	601
3.6.3.4 – O problema da participação e os conflitos durante o projecto	611
3.6.3.5 – A investigação no projecto e a evolução do conceito de habitação	615
3.6.3.6 – O licenciamento como um processo específico	619

3.6.4 – Do habitar à habitação	623
3.6.4.1 – Introdução	623
3.6.4.2 – O projecto como matriz para o habitar	626
3.6.4.3 – Os mitos e os preconceitos na habitação	630
3.6.4.4 – O conhecimento sobre os usuários e o desenho da habitação	635
3.6.4.5 – A habitação colectiva como um projecto aberto	640
3.6.5 – O que o autor diz sobre o projecto	644
3.6.6 – Síntese conclusiva	649
3.6.7 – Figuras:	653
Complexo Residencial da Boavista - "Avis", Álvaro Siza e A. M., Porto, (1991-1998)	
Fac. de Arquitectura da Universidade do Porto, Álvaro Siza, Porto, (1985-1996)	
Conjunto residencial Lima, J. C. Loureiro e Pádua Ramos, Porto, (1959-1963)	
Edifício residencial do Luso, J. C. Loureiro e Pádua Ramos, Porto, (1959-1963)	
Bairro de S. Vitor, Álvaro Siza, Porto, (1974-1977)	
Edifício Kreuzeberg, Álvaro Siza, Berlim, (1979-1980)	
Edifício residencial em Haia, Álvaro Siza, Haia, (1984-1988)	
Centro de Arte Contemporânea, Álvaro Siza, S. de Compostela, (1988-1993)	
Esquissos do Álvaro Siza	
Urbanização dos Pombais, Álvaro Siza, Guimarães (1982)	
Edifício de habitação, Souto de Moura, Maia, (1997-2002)	
Estudos do fogo do Complexo Residencial da Boavista.	

Capítulo 4: Conclusões e Recomendações

4.1 – Introdução	695
4.2 – Resultados encontrados	698
4.2.1 – Quanto à literatura	701
4.2.2 – Quanto aos dados	702
4.2.3 – Quanto aos métodos	703
4.2.4 – Quanto aos estudos de caso	705
4.2.5 – Quanto ao projecto e aos conflitos	708
4.2.6 – Quanto às obras e à profissão	712
4.2.7 – Quanto aos autores	715
4.2.8 – Quanto à hipótese geral delineada	717
4.3 – Sugestões para futuras pesquisas	718
4.4 – Conclusões	721
4.4.1 – O usuário, o arquitecto ou o edifício como programa	726
4.4.2 – O projecto, a habitação e a dinâmica do habitar	730
4.4.3 – Flexibilidade, adaptabilidade e diversidade	738
4.4.4 – Conflito, individualidade e mediação	748
4.4.5 – A evolução da profissão: os arquitectos são outros profissionais?	751
4.4.6 – A escola, o ensino e o projecto da habitação colectiva	754
4.5 – Síntese	758
4.5.1 – Figuras – comparação dos casos de estudo	761

Capítulo 5: Bibliografia

769

Anexos

Anexo 1 – 1DVD – Entrevistas resumo 5 min/autor

Anexo 2 – 2DVD – Entrevistas compiladas